

## Mulheres em maioria nos cargos de topo?

MARIA DA GLÓRIA GARCIA, REITORA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

A revolução feminina está em curso, mas leva o seu tempo. A feminização dos processos decisórios parece uma incontornável. Maria da Glória Garcia, a primeira reitora da Universidade Católica Portuguesa, explica como Portugal se situa nesta tendência. "Foi há 100 anos, concretamente em 1913, que, em Portugal, se licenciou em Direito a primeira mulher, Regina Quintanilha. Quarenta anos depois, em 1954, Isabel Maria de Magalhães Colaço seria a primeira mulher a doutorar-se em Direito (embora tivesse de esperar uma década para poder lecionar na universidade), mas foram precisos mais quarenta anos para se doutorar a segunda, em 1992." Hoje, 20 anos mais tarde, Portugal tem várias dezenas de mulheres doutoradas em Direito, três das quais diretoras de Faculdade das universidades respetivas e uma reitora. "Lembro ainda

que só em 1976 foi aberto às mulheres o acesso à magistratura. Passados pouco mais de três décadas, são já 15 as juízas-conselheiras." Temos uma procuradora-geral da República e uma mulher na presidência da Assembleia da República.

O percurso das últimas décadas mostra uma presença cada vez mais alargada de mulheres em cargos e profissões que durante muito tempo lhes foram vedadas. E, para Maria da Glória Garcia, esta tendência irá decerto acentuar-se nos próximos anos, com o fim dos estigmas que penalizaram as mulheres. A reitora é otimista. "A sociedade tenderá a ser mais justa e dotada de mulheres e homens mais livres e, logo, mais felizes, mas ainda, pelo generalizado acesso à formação cultural, tenderá a ser uma sociedade intelectualmente mais rica e experiente, capaz de permitir um desenvolvimento social mais harmónico e pacífico e um aprofundamento mais exigente da democracia."

## Encontrar mais vida no universo

NUNO CARDOSO SANTOS, INVESTIGADOR DO CENTRO DE ASTROFÍSICA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Só na nossa galáxia, a Via Láctea, existem pelo menos 100 mil milhões de estrelas, e os resultados das observações mais recentes "sugerem que a maior parte das estrelas que vemos no céu têm planetas de tipo terrestre". A constatação é dos astrofísicos Nuno Cardoso Santos e Luís Tirapicos, e do matemático Nuno Crato (atual ministro da Educação e Ciência), no livro "Outras Terras no Universo", lançado a 18 dezembro em Lisboa. "Encontrar mais vida no Universo além da que conhecemos na Terra é uma questão de tempo, embora não saiba bem o que vai ser necessário para o conseguir em termos de desenvolvimento tecnológico, infraestruturas, investigação e organização", afirma ao Expresso Nuno

Cardoso Santos, o principal autor do artigo científico onde se publicou, em 2004, a descoberta do primeiro planeta potencialmente rochoso a orbitar uma estrela que não o Sol. O astrofísico lembra que há projetos da Agência Espacial Europeia (ESA), do Observatório Europeu do Sul (ESO) e da NASA para os próximos 15 anos "que talvez consigam encontrar vida noutros planetas, apesar de não terem sido concebidos especificamente para esse efeito". Várias missões com esse objetivo foram propostas por centros de investigação à ESA e à NASA, mas foram recusadas por serem demasiado caras e arriscadas.

Um planeta habitável terá de ter condições físicas e químicas (pressão, temperatura) para ter água líquida na sua superfície. "Para que tal aconteça é necessário que a composição e a estrutura da atmosfera, bem como a quantidade de radiação que o planeta recebe da sua estrela, o permitam". No entanto, "estar perante um planeta que tenha as condições para ser habitável não implica que este tenha necessariamente desenvolvido vida".